

Estratégias do Discurso Digital em Defesa das Universidades Públicas¹

Gabriela Pereira Melo²

Sendi Chiapinotto Spiazzi³

Rejane de Oliveira Pozobon⁴

RESUMO: Este estudo tem como objetivo mapear os elementos constitutivos das estratégias do discurso digital em defesa das universidades brasileiras públicas, a partir da publicação de um vídeo na plataforma Instagram pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). A análise do discurso digital é utilizada como abordagem teórico-metodológica com conceitos de Paveau (2021) e Baronas (2023; 2024). Como principais resultados encontramos a utilização de revascularização discursiva (Baronas, 2023; 2024), com uma desobstrução complexa, apresentando relacionalidade, deslinearização e ampliação enunciativa destacados, além do acionamento de emoções para envolver o escreitor.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso digital; Comunicação Pública Digital; Universidades Públicas; Revascularização discursiva.

1. Introdução

As universidades públicas brasileiras tiveram ataques intensificados no período da pandemia da Covid-19, em 2020, mas eles já ocorriam⁵ antes (Amaral, 2019; Trevisol e Garmus, 2024). Uma das questões de fragilização das universidades foi o sucessivo corte de verbas nos últimos governos, continuado pelo Governo Bolsonaro, justificado pelo então ministro Weintraub⁶, em 2019, pela “balbúrdia” que, segundo ele, representava as universidades. Em 2019 também ocorriam eleições para reitores com maior interferência⁷ do Governo Federal, que nomeava o reitor de sua preferência, mesmo que não fosse o escolhido em primeiro lugar pela comunidade acadêmica.

¹ Trabalho apresentado no GT 01 | Comunicação Pública, Governo Digital e Inteligência Artificial no III Congresso Brasileiro de Comunicação Pública, realizado de 20 a 22 de outubro de 2025 em São Cristóvão/SE.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista Capes. Email: gabriela.melo@acad.ufsm.br

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM. Email: sendi.spiazzi@ufsm.br

⁴ Professora titular do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. E-mail: rejane.pozobon@ufsm.br

⁵ Fonte: <https://jornal.usp.br/artigos/os-ataques-a-universidade-publica/> . Acesso em 13 dez. 2024.

⁶ Fonte:

<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia.c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html> . Acesso em 13 dez. 2024.

⁷ Fonte: <https://www.intercept.com.br/2019/10/02/bolsonaro-universidades-reitores/> . Acesso em 13 dez. 2024.

Durante e após a pandemia, o ataque foi às recomendações científicas sobre ficar em casa, concomitante aos discursos antivacina e desinformações que iriam contra estudos científicos relacionados à Covid (Recuero e Soares, 2021; Oliveira, 2020). Mas o ataque mais recente foi realizado pela produtora Brasil Paralelo que lançou um documentário⁸, no dia 16 de setembro, que afirma ser uma investigação sobre as universidades que estariam “colocando a ideologia acima da educação”.

Diante deste cenário, propomos como objetivo deste estudo: mapear os elementos constitutivos do discurso digital em defesa das universidades públicas, a partir da publicação de um vídeo⁹ na plataforma Instagram, em 7 de novembro de 2024, pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). Acionamos como base teórico-metodológica a análise do discurso digital de Paveau (2021), com o suporte dos estudos de Baronas (2023; 2024).

2. Comunicação Pública Digital

Não há como discutir o conceito de comunicação pública sem partir do entendimento de espaço ou de esfera pública. Segundo Esteves (1998), o espaço público moderno constituiu-se sobre o ideal da publicidade, no sentido de tornar público e dar a conhecer fatos, opiniões e ideias, visando sempre expressar o interesse coletivo. Apesar de ter a ver com o domínio da experiência de todos, o espaço público não pode ser universal, uma vez que depende das especificidades culturais de cada grupo (Charaudeau, 2013). Da mesma forma, a diferença entre o privado e o público não pode ser considerada em oposição fixa, pois está sempre em movimento.

Kegler (2019) problematiza a disputa por credibilidade nessa sobreposição de interesses privados ao interesse público. Para o autor, o Estado precisa oferecer meios e executar estratégias de comunicação que viabilizem o acesso à informação e formas de participação ao cidadão, dando espaço ao debate de temas de interesse público e fazendo circular assuntos da coletividade. Entre as instituições de Estado capazes de fazer isso estão as universidades públicas, que possibilitam a divulgação e circulação de

⁸ Fonte: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/unitopia-estreia-amanha-assista-a-investigacao-da-brasil-paralelo-sobre-as-universidades-brasileiras> . Acesso em 13 dez. 2024.

⁹ Fonte: <https://www.instagram.com/p/DCEpzIXxyIU/> . Acesso em 8 nov. 2024.

informações cientificamente comprovadas sobre saúde, educação, cultura, tecnologia, entre outros temas, abrangendo diferentes vozes, realidades e pontos de vista.

Gomes (2014) reconhece as universidades como espaços onde os temas de interesse público ganham evidência, os quais ele chama de arenas: “Essas arenas podem ser os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário; organizações religiosas; Universidades e demais Instituições científicas; movimentos sociais; meios de comunicação massivos e digitais, dentre outras” (p. 194). Para o autor, os meios de comunicação de massa e as plataformas sociais digitais são o centro da visibilidade pública. Já Pimenta (2024) afirma que a plataformização da comunicação fragmentou a atual esfera pública, pois a personalização das mídias sociais possibilita que “discursos não mediados por alguma instância de aferição da veracidade circulem, influenciando o processo democrático” (p. 55).

Contribuindo com o lugar das universidades nessa esfera pública digital, Murphy & Costa (2025) acreditam que essas instituições deveriam se posicionar mais nesse espaço, de forma a superar distorções como desinformação e mercantilização da informação, contribuindo para o desenvolvimento de um raciocínio crítico. “De todas as instituições públicas, as universidades estão em posição única para ajudar a facilitar esses ‘processos democráticos de aprendizagem’, mas cederam esse território no mundo informal da comunicação digital e da formação de opinião” (p. 2, tradução nossa).

Ao pensar a comunicação pública digital, partimos do pressuposto de que as instituições necessitam estar nas plataformas sociais, pois é onde o público, atualmente, se informa. Há alguns pontos sensíveis como a adequação ao ritmo da inovação digital e à linguagem dos públicos nestas mídias (Saad, 2009). Com o desenvolvimento das TICs, os processos de comunicação mudaram, novas possibilidades narrativas como hipertexto, multimídia e interatividade foram incorporadas às estratégias de comunicação.

No sentido de aproximar-se da comunidade, Silva (2022) defende que as universidades devem prestar contas e provar à comunidade que são instituições de referência no progresso social e econômico. Para isso, é necessário criar uma cultura de participação, motivando e envolvendo os públicos nas ações e nos assuntos da universidade. Kunsch (1992) chama de “nova universidade” essa instituição sem

fronteiras, que está aberta para interagir com os cidadãos, a mídia, empresas e com a sociedade como um todo.

Relacionando o papel das universidades públicas com a democracia, Casali, Gomes e Dias (2021) defendem que em regimes democráticos, a comunicação das universidades públicas se relaciona ao interesse público, promovendo conhecimento através da divulgação científica, dialogando com as comunidades locais, fomentando espaços de formação e participação cidadã. Sob um espectro mais focado na divulgação científica, Farnese (2023) entende que é função social de uma universidade pública produzir e difundir conhecimento científico com preocupações sociais, políticas, econômicas e corporativas, guiando a população em temas complexos, como problemas de saúde pública, por exemplo.

Na dimensão de comunicação científica, Brandão (2012) caracteriza o uso pedagógico da comunicação para melhoria da qualidade de vida da população, exemplificando as campanhas de saúde. E também a função da comunicação de despertar o interesse da opinião pública e dos políticos em torno da ciência e da tecnologia. É a partir deste lugar de comunicação pública que defende a ciência e a tecnologia que analisamos a atuação da Andifes na ambiência digital.

3. Um olhar sobre os tecnodiscursos

O discurso nativo digital é visto por Paveau (2021) como uma unificação entre o linguageiro e não-linguageiro, diferente dos meios físicos. Paveau *et al.* (2022) consideram os discursos nativos digitais (que nascem na internet) como tecnodiscursos, incluindo a dimensão técnica como parte e não apenas suporte ao discurso. A Análise do Discurso Digital propõe considerar as plataformas como parte desse objeto, considerando as características de suas dinâmicas. “O discurso digital remete a uma infinidade de outros discursos em rede a partir de cliques, enquanto o off-line é restrito ao contexto do discurso” (Glück e Giering, 2024, p. 103).

Dias (2018, p. 28) vê “o digital para além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas”. É necessário que as nuances do técnico, operado pelas plataformas digitais a partir de

grandes empresas, não apenas fazem parte, mas promovem uma realidade discursiva (tecnó) com preocupações e estratégias inexistentes no *offline*.

Compreender as contribuições da análise do discurso digital como uma análise ampla pode parecer confuso, considerando que as análises de discursos já consideram contextos sociais, econômicos, ditos, não ditos, dentre inúmeros fatores. Qual seria a diferença, visto que ainda que se utilize das plataformas, continuamos falando de discursos? Os discursos nativos digitais, como já mencionado, compreendem a dimensão técnica como parte do discurso, o que implica em considerar os fenômenos digitais como parte do que atravessa, transforma e interfere nos direcionamentos. Os tecnodiscursos são caracterizados por sua composição, deslinearização, ampliação enunciativa, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade, conforme descrito por Paveau (2021).

(1) Composição - “os tecnodiscursos podem ser pluri-semióticos e mobilizar simultaneamente, e na mesma semiótica, texto, imagem fixa ou animada, som” (Paveau, 2021, p. 58). São classificados como compostos pela coexistência inseparável do técnico e linguístico, considerando elementos clicáveis e não clicáveis, gráficos e escritos, temporais e contextuais. Como o exemplo de *hashtags*, emojis, vídeos, fotos, botões de curtir, não ver mais, compartilhar, comentar, dentre outros.

(2) Deslinearização - é caracterizada por elementos clicáveis, direcionados por *affordances* ou links e hiperlinks que direcionam o leitor para diferentes discursos. “Certas produções discursivas on-line que passam por um gesto técnico que substitui um discurso contínuo” (Paveau, 2021, p. 145). O discurso digital transforma o leitor em leitor-escritor, com o poder de direcionar a leitura a partir das escolhas definidas ao longo da navegação ao acompanhar os *feeds* de mídias sociais, textos em sites/blogs com elementos que dinamizam e afetam uma continuidade óbvia.

(3) Ampliação enunciativa - a escrita digital permite uma reverberação do conteúdo que pode ser prolongado por adição de comentários, por exemplo. Há também uma circulação facilitada no meio digital que ocorre com ferramentas como compartilhamentos nas próprias plataformas ou mesmo externamente. A ampliação também permite uma escrita coletiva “num espaço enunciativo único, mas com a identificação dos diferentes enunciantes” (Paveau, 2021, p. 59).

(4) Relacionalidade - os discursos nativos digitais podem ter relação com outros tecnodiscursos nas mesmas ou em outras plataformas, com outros aparelhos, compreendendo escritores e escreitadores, incluindo memórias tecnodiscursivas e contextualidades próprias dos discursos como um todo e das especificidades do digital.

(5) Investigabilidade - “enquanto os metadados dos discursos pré-digitais são exteriores a eles (nos paratextos, por exemplo) os metadados dos discursos digitais nativos lhes são interiores (inscritos no código)” (Paveau, 2021, p. 59). Ou seja, a partir da relacionalidade material, se torna possível que os tecnodiscursos sejam buscados e encontrados a qualquer momento por meio de links.

(6) Imprevisibilidade - a circulação dos discursos nativos digitais não pode ser prevista ou controlada, pois a condução das plataformas e algoritmos não moldam a comunicação de modo transparente. Os tecnodiscursos “são parcialmente produzidos e/ou formatados por programas e algoritmos, fato que os torna imprevisíveis para os enunciadores humanos” (Paveau, 2021, p. 59).

Além das características inerentes às dinâmicas do digital, o tecnodiscurso resulta em formações específicas da ambiência digital e, mesmo considerando que haja violência e/ou vulnerabilidade em outras ambiências, a formação dos enunciados tomam novos formatos e diferentes perspectivas tecnodiscursivas. A revascularização surge neste contexto em que um obstáculo obstrui o fluxo discursivo e demanda novos caminhos.

4. Revascularização Discursiva

Inspirado no procedimento cirúrgico de revascularização do miocárdio, Baronas (2023) propõe pensar práticas discursivas que implicam em desobstruir obstáculos impostos a atores sociais, especialmente em situação de vulnerabilidade. Assim como o procedimento cirúrgico busca desviar artérias bloqueadas e possibilitar o funcionamento de um fluxo sanguíneo, a revascularização discursiva busca uma desobstrução, que pode ser categorizada por sua natureza: (1) simples - voltada para situações individuais que podem refletir causas coletivas ou (2) complexa - com o objetivo de desviar de obstáculos coletivos.

a teoria da revascularização não depende de uma ferida para compreender o seu processo, mas se propõe a compreender como o sujeito, em situação de vulnerabilidade, encontra percursos discursivos alternativos para solucionar a sua obstrução discursiva e, como depois de liberado o fluxo discursivo, esse mesmo fluxo se capilariza pelos mais diferentes *mídiuns* (Baronas, 2023, p. 43).

Nas duas categorias é possível identificar quatro critérios que identificam a prática discursiva como revascularização, segundo Baronas (2023; 2024): (1) obstrução discursiva - implica em “um sujeito em condições de vulnerabilidade que não consegue falar e ser ouvido” (Baronas, 2023, p. 44); (2) percurso discursivo - é proposto um novo caminho que desvie da obstrução encontrada e que possa romper com o silenciamento e vulnerabilidade impostos; (3) liberação do fluxo discursivo - o sujeito retoma a fala e se torna enunciador, desviando da obstrução encontrada; e (4) capilarização discursiva - o novo discurso circula em diferentes dispositivos.

Para exemplificar a desobstrução simples, Baronas (2024) menciona um dos casos de racismo vivenciados pelo jogador brasileiro Vini Jr. em um campeonato espanhol o qual competia. Parte da torcida do time adversário o chamou de macaco, nada foi feito sobre o racismo e o jogador ainda foi expulso após um desentendimento no final do jogo.

1) há uma obstrução discursiva – o jogador brasileiro foi chamado de “macaco” durante uma partida pelo campeonato espanhol; 2) há um percurso discursivo sendo estabelecido – o atleta demanda da arbitragem do jogo uma atitude ante os atos racistas dos torcedores do Valência, o que propicia a irrupção do critério seguinte; 3) o fluxo discursivo – o atleta é expulso pela arbitragem e, após o jogo, posta nas suas redes sociais: “O prêmio que os racistas ganharam foi a minha expulsão! ‘Não é futebol, é a LaLiga’”; por último, temos 4) a capilarização discursiva – a postagem do jogador brasileiro ganhou repercussão mundial, inclusive implicando muito justamente no âmbito do judiciário os torcedores que cometeram os atos racistas (Baronas, 2024, p. 11).

Para exemplificar a desobstrução complexa Baronas (2023) menciona o momento em que a União Nacional dos Estudantes (UNE) mobilizou uma manifestação pelo adiamento do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em meio à pandemia da

Covid-19, junto à vulnerabilidade física vivida pela doença e política pela gestão da saúde.

“a obstrução é tanto ideológica, como dissemos, encarnada na presença de um sujeito autoritário e incapaz de lidar efetivamente com a pandemia no Brasil, evidenciada, por exemplo, no fato de que, em três meses de pandemia, o governo Bolsonaro já havia trocado o seu terceiro ministro da saúde, quanto uma obstrução física, a impossibilidade dos sujeitos de se deslocarem fisicamente no espaço social e, especialmente discursiva, os sujeitos não têm as suas demandas ouvidas (Baronas, 2023, p. 40).

Identificada a obstrução e cumprindo o primeiro critério, “é proposto um percurso discursivo alternativo, qual seja, manifestar-se – como e onde for possível – contra os malefícios vivenciados” (Baronas, 2023, p. 42), cumprindo o segundo critério. Esse novo percurso é um desvio para o obstáculo causado pela impossibilidade de se aglomerar e se manifestar nas ruas, permitindo novas formas de manifestação pela internet, o que cumpre o terceiro critério. Por fim, há a circulação desse discurso em diferentes dispositivos, atingindo a capilarização do quarto critério.

Considerando ainda a posição de escrileitor proposta por Paveau (2021) ao pensar o discurso nativo digital, a revascularização nunca será uma mera resposta a uma ciberviolência ou um contra-discurso, mas uma reorganização de enunciadores. A teoria permite pensar em uma oportunidade em que o silenciado saia dessa posição de vulnerabilidade e possa até mesmo fortalecer as lutas sociais por meio da prática discursiva.

5. Análise dos observáveis e discussão dos resultados

Com a ideia de uma análise pós-dualista que unifica o linguageiro e o técnico, a análise do discurso digital permite uma análise ampla que considere as especificidades do discurso como uma ecologia. O *corpus* passa a ser visto, não apenas como um recorte isolado, mas como “um conjunto de observáveis” que “serão situados em seus ambientes discursivos e serão classificados a partir de categorias linguísticas correspondentes aos objetivos e às hipóteses” (Paveau, 2021, p. 136). Acionaremos Paveau (2021) e Baronas (2023; 2024) como base nessa metodologia.

Independente do âmbito utilizado como base para observação, a proposta de Campani e Giering (2022) de uma estabilização do *corpus*, ou do que Paveau (2021) também nomeia como observáveis, é uma solução para a perspectiva comunicacional, sem desconsiderar a amplitude da ambiência digital. “Os observáveis são instáveis, não apresentam uma forma fixa, a não ser se forem extraídos e estabilizados *off-line*” (Campani e Giering, 2022, p. 26). Essa estabilização é utilizada como base, o que não impede que a análise alcance outros aspectos presentes na dinâmica digital.

A análise proposta por meio da estabilização parece paradoxal diante de objetos vivos e dinâmicos que não possuem um início e um fim. Afinal, a partir do momento que se fala em tecnodiscurso, o discurso passa a compor em unidade à ambiência digital e suas características. O que podemos dizer sobre o tecnodiscurso é que ele não é estável, mas a proposta é como uma fotografia do momento que viabilize a análise, como exame médico utilizado para um diagnóstico que não pode desconsiderar todo o quadro do paciente como parte dele,

Propomos observar uma postagem da Andifes realizada no Instagram, composta por um vídeo publicado no dia 7 de novembro, com duração de 1 minuto e 4 segundos, e realizada com o recurso colaborativo que permite a postagem em conjunto com perfis pessoais de outros dois representantes da associação. Isso é utilizado para ressaltar a presença desses representantes, visto que os perfis pessoais são fechados. Não se trata de trabalhar a ampliação da postagem, mas demarcar a representação.

O vídeo publicado pela Andifes dois meses após o lançamento do documentário produzido pela Brasil Paralelo aparece como uma revascularização discursiva com uma produção que supera o amadorismo corriqueiro das plataformas de mídias sociais causado pela urgência, o que pode ser uma explicação para o tempo entre uma produção e outra. A ampliação ocorre por diferentes meios e enunciadores: o mesmo vídeo é postado no site¹⁰ da instituição e no canal do *Youtube*; ao observar perfis que marcaram a Andifes no Instagram, é possível ver que o vídeo também foi postado no perfil de diferentes universidades de modo separado.

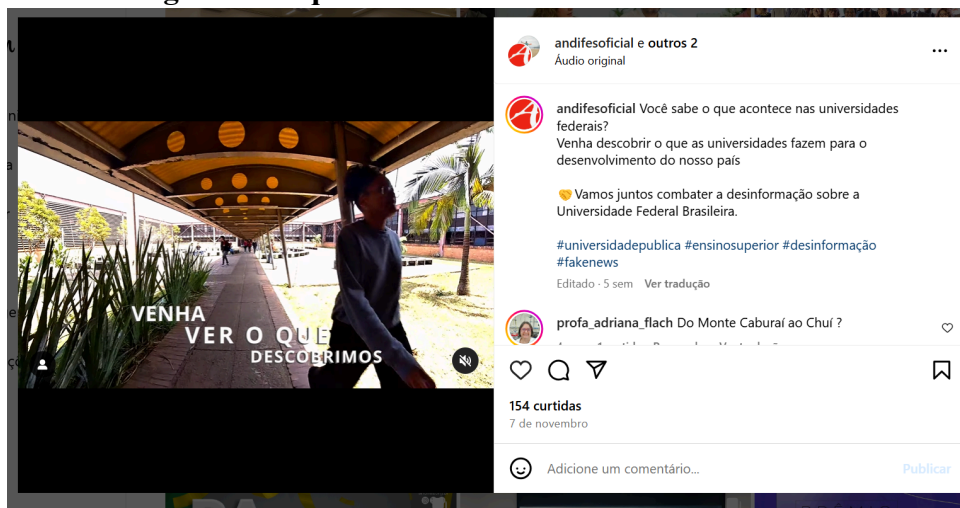
A utilização das *hashtags* no texto que acompanha o vídeo são recursos de deslinearização, por se tratar de elementos clicáveis que podem direcionar a outras

¹⁰ Fonte: <https://www.andifes.org.br/2024/11/07/voce-sabe-o-que-acontece-nas-universidades-federais/> . Acesso em 13 dez. 2024.

visualizações. Ainda assim, a característica mais significativa nas *hashtags* utilizadas (#universidadepublica; #ensinosuperior; #desinformação; #fakenews) é a relacionalidade, deixando implícito que se trata de um conteúdo em combate à desinformação e em defesa das universidades, buscando uma desobstrução discursiva.

Da mesma forma, o restante do texto apresenta uma abertura do discurso com o que pode ser esperado do vídeo. Essa síntese também convida o leitor a se tornar um actante em conjunto com a Universidade e seus integrantes que pretendem preservá-la, utilizando um *emoji* de um aperto de mão e empregando termos convidativos, como é possível observar na figura 1.

Figura 1: O que acontece nas universidades federais



Fonte: Instagram Andifes @andifesoficial

A dinâmica do texto falado com imagens que ilustram “o que acontece nas Universidades Públicas”, o que incita curiosidade e pertencimento. Em outros momentos menciona criar conexões com imagens de pessoas estudando em um mesmo lugar; menciona a “democracia vivida na prática” associada a questões culturais; a autonomia associada à escuta enquanto ilustra diversidade de ações; assim como diálogo e encontro de ideias que ocorre da mesma forma; finaliza afirmando que as portas permanecem abertas.

Todas essas questões envolvem o receptor de modo que o vídeo o leva para dentro de uma universidade que o acolhe, escuta, com espaço para diversidade e construção coletiva, remetendo a ideia de que o receptor faz parte dessa construção. As

palavras “descobrir”; “democracia” e “autonomia” retomam os ataques sofridos diretamente a essas questões. Enquanto “descobrir” remete a algo verossímil a ser revelado, diante de um combate à desinformação, a ênfase na democracia e na autonomia remetem a questões que foram fragilizadas durante os ataques sofridos.

Um trecho menciona a transformação social através da ciência, demonstrando um acesso diverso à universidade. Outro trecho apresenta um pedido de não contribuir com a desinformação, evidenciando a realização de vacinas. Os dois casos acionam o dever moral de contribuir, em um primeiro momento reconhecendo a importância da universidade para a sociedade e, em um segundo momento, convidando as pessoas para a defesa dessa questão moral, em uma luta contra o que pode prejudicar essa transformação.

A postagem é identificada como uma desobstrução discursiva complexa, conforme a teoria da revascularização de Baronas (2023; 2024):

(1) Há uma obstrução discursiva de cunho político e social, afetando as diversas frentes trabalhadas pelas Universidades. Os ataques sistemáticos realizados pelo Governo Bolsonaro e continuados por seus apoiadores, seguidos pela elaboração de um documentário por uma produtora que se posiciona também em apoio ao grupo defendido por Bolsonaro. Ao descrever o documentário como uma investigação sobre as Universidades colocarem “a ideologia acima da educação”, a produtora Brasil Paralelo utiliza a própria estrutura para reafirmar o próprio posicionamento ideológico e atacar o trabalho realizado pelas Universidades.

(2) É proposto um percurso discursivo - os dirigentes das Instituições de Ensino Superior se mobilizam para se manifestar por meio de um vídeo e demonstrar a realidade vivida, publicizar os trabalhos realizados e contar a própria versão.

(3) Liberação do fluxo discursivo - o discurso produzido, enviado à comunidade e publicado no site e perfil oficial da Andifes em diferentes plataformas, como Instagram e Youtube.

(4) Capilarização discursiva - o discurso circula em diferentes perfis, com a replicação da comunidade acadêmica, o compartilhamento em outros canais e dispositivos que repercutem o pertencimento a todo trabalho realizado, com o

compartilhamento de diferentes universidades, dirigentes, docentes, discentes, técnicos e público em geral.

A utilização das emoções (Bentes, 2019; Papacharissi, 2015; Silveira, 2019) como estratégia discursiva aciona buscas por elementos como identificação, credibilidade, pertencimento e dever moral. A credibilidade é utilizada para ressaltar a realização de pesquisas, do trabalho de profissionais e dos objetivos diversos da universidade. Por fim, por se tratar de uma revascularização discursiva, devolve a voz a quem fala pelas Universidades, que retomam o enunciado em conjunto com a comunidade que a integra.

Para Han (2018, p. 64), a “comunicação digital favorece uma descarga imediata de afeto”, o que é potencializado pelos discursos carregados pelo *pathos*. Charaudeau (2010, p. 59) entende o *pathos* como uma estratégia discursiva que se expressa por “uma maneira de falar ou afeto do outro para seduzir ou persuadir”. O discurso *pathêmico*, como parte da situação de comunicação, pode ser responsável por seduzir o público ou mesmo gerar medo, com foco nas emoções e sentimentos desse público.

Para Lages (2023, p. 3), é necessário compreender os afetos para que se possa compreender a “nossa história mais recente, marcada pelo protagonismo de emoções e sentimentos – tais como o ódio, o ressentimento, o medo, a esperança, entre outros – com notáveis consequências políticas”. Tanto positivamente quanto negativamente estão presentes, instrumentalizados como estratégia dos discursos ou pelo simples fato de envolver questões sociais.

Afetos, sentimentos e emoções não são sinônimos, mas são processos que se atravessam. Han (2018) afirma que as emoções são dinâmicas, situacionais, performativas e remetem a ações e mudanças de estado. Os sentimentos permitem uma duração, a exemplo do amor, da culpa e da indiferença, que apresentam um estado mais durável. Já os afetos, para Han (2018), podem durar um instante, o que os diferenciam das emoções são o fato de serem “eruptivos” e não performativos.

Papacharissi (2015, p. 113) afirma que a emoção “comunica a direção de um estado de humor particular”, enquanto o “afeto transmite a intensidade com que uma opinião é sentida”, “é declarativo e não deliberativo”. Para Dunker (2017, online), o “afeto é aquilo que incide sobre o sujeito”, é como “a gente é tocado pelo outro ou pelo

mundo”, a exemplo da revolta, do pânico e da indignação.

6. Considerações Finais

Os elementos constitutivos das estratégias do discurso digital em defesa das universidades públicas da Andifes são: revascularização discursiva, com uma desobstrução complexa, apresentando relacionalidade, deslinearização e ampliação destacados. Apesar de possuir uma produção audiovisual profissionalizada e estruturada, o vídeo não utiliza estratégias de viralização, além do acionamento de emoções para envolver o esreileitor.

A ampliação enunciativa ocorre de modo descentralizado, publicado separadamente em diferentes canais e perfis, o que pode contribuir para a divulgação, mas dificulta a mensuração do alcance e resultados no perfil oficial da Andifes.

Os ataques às universidades também possuem presença em diferentes canais, mas são orquestrados com interesses investidos que demandam respostas estratégicas que vão além de uma produção profissional de um vídeo. É necessário mais do que um vídeo que foque em questões emocionais, apesar de também ser necessário alcançar o envolvimento e pertencimento da sociedade.

As universidades precisam se apropriar de estratégias de comunicação pública digital para que haja uma comunicação efetiva com a população, de modo geral, o que demanda ir além das portas dos campi. Estudos e incentivos devem envolver a estruturação devida de equipes de trabalho e repensar as práticas de comunicação utilizadas em um contexto que sofreu diversas transformações no modo de comunicar, especialmente nas plataformas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Nelson Cardoso. As Universidades Federais brasileiras sob ataque do Governo Bolsonaro. **Propuesta educativa (Online)**, Ciudad Autonoma de Buenos Aires , n. 52, p. 127-138, nov. 2019 . Disponível em: <https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1995-77852019000200011&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 28 mai. 2025.

BARONAS, R. L.. Resignificação e revascularização discursivas: espaços de resistência em contexto digital. In: Renata de Oliveira Carreon, Marco Antonio Almeida Ruiz, Lígia Mara Boin Menossi de Araujo. (Org.). **Análise do discurso digital** [livro eletrônico]: perspectivas teóricas e metodológicas. 01ed.Araraquara - SP: Letraria, 2023, v. 01, p. 31-45.



BARONAS, Roberto Leiser. Inscri(surrei)ções enunciativas em ambientes diversos: discursos pejorativos, ressignificação e revascularização discursivas. **Letrônica**, v. 17, n. 1, p. e46933-e46933, 2024.

BENTES, Anna. A gestão algorítmica da atenção: enganchar, conhecer e persuadir. *In*: POLIDO, Fabrício; ANJOS, Lucas; BRANDÃO, Luíza (orgs.). **Políticas, Internet e Sociedade**. Belo Horizonte: Instituto de Referência em Internet e Sociedade, 2019.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Conceito de comunicação pública. *In*: DUARTE, Jorge. (Org.), **Comunicação pública**: Estado, mercado, sociedade e interesse público (p. 1-34). São Paulo: Atlas, 2012.

CAMPANI, Daiana; GIERING, Maria Eduarda. Argumentação em tuítes sobre ciência na pandemia. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 22, n. esp, p. 16-39, 2022.

CASALI, Caroline; GOMES, Janaína; DIAS, Ana Luisa Vahl. UNIVERSIDADE PÚBLICA, ORGANIZAÇÃO COMUNICANTE: afetações entre público e privado nas interações online de agentes da universidade. **Anais 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA)**, realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021. Disponível em: <<https://doity.com.br/compolitica2021/blog/anais>> Acesso em 14 fev. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia. *In*: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. **Análises do Discurso Hoje**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), p. 57-78, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DUNKER, Christian. Afeto, emoção e sentimento na psicanálise | Christian Dunker | Falando n'Isso 146. **YouTube**, 20 de setembro de 2017. 17min40s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=LNjcXFKGW_c&t=988s>. Acesso em: 15 de agosto de 2025.

ESTEVES, João Pissarra. **Sociologia da Comunicação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

FARNESE, Pedro. Comunicação organizacional em universidades públicas: os desafios de comunicar a ciência na sociedade midiaticizada. **Journal of Science Communication – América Latina**, v. 6, n. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22323/3.06010206>

GLÜCK, Eduardo Paré; GIERING, Maria Eduarda. Discurso digital e divulgação científica no Twitter: análise da heterogeneidade tecnoenunciativa em tuíte reunido pela hashtag# divulgaçãocientífica. **Linha D'Água**, v. 37, n. 1, p. 86-104, 2024.

GOMES, Wilson. Dinâmicas e estruturas da esfera pública contemporânea – A esfera pública, além da deliberação pública. *In*: SOUSA, Mário Winton de.; SAAD, Elizabeth (Orgs). **Mutações do espaço público contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 177-214.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

KEGLER, Bruno. A constituição do acontecimento público Tragédia Kiss: uma proposta de análise sob a ótica da polêmica pública. *In*: POZOBON, Rejane de Oliveira; DAVID, Carolina Siqueira de; RODRIGUES, Cristiano Marini (org.). **Métodos e técnicas para pesquisas em comunicação e política**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019.

Disponível em:

<<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/746/2019/12/M%C3%A9todos-e-t%C3%A9cnicas-para-pesquisas-em-Comunica%C3%A7%C3%A3o-e-Pol%C3%ADtica-UFSM.pdf>> Acesso em: 22 mai. 2023.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Universidade e Comunicação na Edificação da Sociedade**. Loyola, 1992.

LAGES, Leandro Rodrigues. Em defesa das dimensões afetivas da política nas pesquisas em Comunicação e Política. **Compolítica** - 10º Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (COMPOLÍTICA) - Universidade Federal do Ceará - UFC - Fortaleza, Ceará, 2023.

MURPHY, Mark; COSTA, Cristina. The digital public sphere, universities and intellectualising the public. **Studies in Higher Education**, p. 1–18, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1080/03075079.2025.2500694>

OLIVEIRA, Thaianie Moreira de. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. e5374, 2020. DOI: 10.18617/liinc.v16i2.5374. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5374>>. Acesso em: 14 abr. 2025.

PAPACHARISSI, Zizi. **Affective Publics**: Sentiment, Technology, and Politics, New York, NY: Oxford University Press, 2015, 176 pp.

PAVEAU, Marie-Anne; COSTA, Julia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. **Ressignificação em contexto digital**. EdUFSCar, 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PIMENTA, Laura Nayara. Reflexões sobre as tensões do conceito de comunicação pública: erosão democrática, fragmentação da esfera pública e horizontes comuns. *Organicom*, São Paulo, Brasil, v. 21, n. 45, p. 48–58, 2024. DOI: [10.11606/issn.2238-2593.organicom.2024.223586](https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2024.223586).

RECUERO, Raquel da Cunha; SOARES, Felipe Bonow. O Discurso Desinformativo sobre a Cura da covid-19 no Twitter: Estudo de caso. **E-Compós**: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, DF. Vol. 24 (2021), p. 1-29, 2021.



SAAD, Elizabeth Saad. A Comunicação Digital nas organizações: tendências e transformações. **Organicom**, São Paulo, Brasil, v. 6, n. 10-11, p. 161–167, 2009. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2009.139020.

SAAD, Elizabeth Corrêa. Comunicação na contemporaneidade: visibilidade e transformações. In: SAAD, B. (Org.). **Visibilidade e consumo da informação nas redes sociais**. Porto, 2016, p. 21-29.

SILVA, Sônia. **Comunicar a Responsabilidade Social: Um Modelo de Atuação para as Universidades Públicas Portuguesas**. Covilhã, Portugal: Labcom Universidade da Beira Interior, 2022.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. **PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM**, [S. l.], v. 3, n. 6, 2019. DOI: <https://doi.org/10.31657/rcp.v3i6.111>

TERRA, Carolina Frazon; SAAD, Elizabeth; RAPOSO, João Francisco. Comunicação organizacional em tempos de algoritmos e hiperconexão digital. **XXVIII Encontro Anual da Compós**, 2019.

TREVISOL, Joviles Vitório; GARMUS, Ricardo. A NOVA DIREITA E OS ATAQUES À AUTONOMIA DAS UNIVERSIDADES NO BRASIL. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 45, e277388, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.277388> .